

MAIS DE 70 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO



CONFIE EM MIM

HARLAN COBEN

Até onde você iria por amor à sua família?



Em memória dos avós de meus filhos:

*Carl e Corky Coben
Jack e Nancy Armstrong*

Sentimos muita falta de vocês.

Nota do autor

A tecnologia mencionada neste livro de fato existe. Aliás, todos os programas e equipamentos aqui descritos podem ser facilmente adquiridos no mercado. Os nomes dos produtos foram trocados, mas, com toda sinceridade, que diferença isso pode fazer?

1

MARIANNE BEBIA A TERCEIRA DOSE de Cuervo, perplexa diante de sua capacidade de destruir tudo o que havia de bom em sua vida patética, quando o homem a seu lado praticamente berrou:

– Vou dizer uma coisa, princesa: o criacionismo e o evolucionismo são totalmente compatíveis.

Marianne sentiu gotinhas de saliva atingirem seu pescoço. Fez uma careta de nojo e olhou rapidamente para o homem. Ele tinha um bigode farto, saído diretamente de um filme pornô dos anos 1970. Sentara-se à direita dela. A mulher que ele tentava impressionar com este assunto tão interessante, uma loura de cabelos descoloridos e quebradiços feito piaçava, estava sentada à esquerda de Marianne, que teve a infelicidade de estar no meio daquele encontro casual.

Tentou ignorá-los, olhando para seu copo como se fosse um diamante bruto a ser lapidado para um belíssimo anel de noivado. Esperava que isso fizesse o homem de bigode e a mulher de cabelos de piaçava desaparecerem. Em vão.

– Você está doido – disse a Piaçava.

– Você ainda nem me ouviu.

– Tudo bem, diga. Mas continuo achando que você está doido.

Marianne interveio e disse:

– Um de vocês não quer trocar de lugar comigo? Assim poderão conversar melhor.

O Bigodudo pousou a mão no braço dela.

– Fique aí, mocinha, quero que você ouça também.

Marianne pensou em protestar, mas talvez fosse mais fácil ficar calada. Voltou a atenção para sua bebida.

– Vocês conhecem a história de Adão e Eva, certo? – perguntou ele.

– Claro – respondeu a Piaçava.

– E acredita nela?

– Que Adão foi o primeiro homem e Eva, a primeira mulher?

– Isso.

– Claro que não. Você acredita?

– Claro que acredito. – Ele acariciou o bigode como se fosse um pequeno roedor que precisasse ser tranquilizado. – Segundo a Bíblia, primeiro surgiu Adão, e depois, da costela dele, foi criada Eva.

Marianne tomou um gole de tequila. Ela bebia por muitos motivos. Quase sempre para se divertir. Já estivera em muitos lugares como aquele, na esperança de encontrar alguém e, com sorte, conseguir mais que um simples bate-papo. Nesta noite, no entanto, não queria arrumar companhia. Estava bebendo para anestesiar os sentidos, com indiscutível sucesso. Aquela conversa sem pé nem cabeça até que servia de distração. Aliviava a dor.

Ela havia metido os pés pelas mãos.

Como sempre.

Toda sua vida se resumia a uma fuga constante de tudo o que era certo e decente, sempre em busca do inalcançável, uma eterna monotonia com eventuais – e patéticos – pontos altos. Ela destruíra algo bom e agora, quando tinha tentado consertar as coisas, bem, se atrapalhara novamente.

No passado, tinha magoado as pessoas mais próximas dela, as que mais amava. Elas eram seu clubinho exclusivo de vítimas emocionais. Mas recentemente, graças a uma mistura de burrice e egoísmo, ela vinha acrescentando gente que mal conhecia à lista de atingidos pelo furacão Marianne.

Por algum motivo, ferir desconhecidos parecia pior. Todos fazemos isso com aqueles que amamos, não é? Mas machucar inocentes, isso só podia ser carma.

Marianne havia destruído uma vida. Talvez mais de uma.

E para quê?

Para proteger sua filha. Ou foi o que ela pensou.

Burra.

– Pois bem – disse o Bigodudo –, foi Adão que gerou Eva. Gerou, ou seja lá qual for o termo certo.

– Papo mais machista – disse a Piaçava.

– Mas é a palavra de Deus.

– Que a ciência já provou que estava errada.

– Espere, princesa. Escute. – Ele ergueu a mão direita. – A gente tem Adão – depois ergueu a esquerda – e a gente tem Eva. E tem o Jardim do Éden, certo?

– Certo.

– Então Adão e Eva têm dois filhos, Caim e Abel. E depois Abel mata Caim.

– É Caim quem mata Abel – corrigiu a Piaçava.

– Tem certeza? – Ele franziu o cenho, pensando no assunto. Depois deu de ombros. – Tanto faz. Um deles morre.

– Abel. Quem mata é Caim.

– Jura?

A Piaçava fez que sim com a cabeça.

– Tudo bem, então sobrou Caim. A questão é: com quem ele reproduziu? Quer dizer, a única mulher disponível ali era a mãe dele, Eva, que, àquela altura, já era uma coroa. Então? Como foi que a humanidade se multiplicou?

O Bigodudo se calou, como se estivesse à espera dos aplausos. Marianne revirou os olhos.

– Percebe o dilema?

– Talvez Eva tenha tido outra criança. Uma menina.

– E Caim transou com a irmã? – perguntou o Bigodudo.

– Claro. Naquela época, todo mundo comia todo mundo, não comia? Quer dizer, Adão e Eva foram os primeiros. Não havia outra saída além do incesto.

– Não – disse o Bigodudo.

– Não?

– A Bíblia proíbe o incesto. A resposta está na ciência. É isso que estou tentando dizer. A ciência e a religião não se excluem. Tudo tem a ver com a Teoria da Evolução de Darwin.

Com interesse aparentemente sincero, a Piaçava perguntou:

– Como?

– Pense. Segundo todos esses darwinistas, de quem é que o homem descende?

– Dos primatas.

– Certo. Macacos, gorilas, seja lá o que for. Pois bem. Caim estava lá, rejeitado pela família, vagando sozinho por esse glorioso planeta. – O Bigodudo deu um tapinha no braço de Marianne, certificando-se de que ela também estava prestando atenção. – Está entendendo?

Com uma resistência notável, ela se virou e olhou para ele. Sem o bigode pornô, talvez até desse para encarar, pensou.

– Estou – respondeu ela.

– Ótimo. – Ele sorriu e arqueou as sobrancelhas. – Ora, Caim era homem, certo?

– Certo – disse a Piaçava, antes que fosse chutada para escanteio.

– Com necessidades e desejos típicos de um homem, certo?

– Certo.

– Então ele estava lá, perambulando, se sentindo o rei do pedaço. Mas cheio de necessidades. Aí, um belo dia, enquanto andava na floresta – outro sorriso, outro carinho no bigode –, Caim se depara com uma macaca bem atraente. Ou uma gorila. Ou uma chimpanzé.

Marianne o encarou e disse:

– Você só pode estar brincando.

– Não, não estou. Pense nisso. Caim se vê diante de um membro qualquer da espécie dos macacos. É o que tem de mais parecido com um ser humano, não é? Então ele se joga em cima da macaca e os dois... você sabe. – Só para garantir, caso ela não soubesse, o Bigodudo fez o gesto com as mãos. – E a macaca fica grávida.

– Que horror! – exclamou a Piaçava.

Marianne quis voltar à tequila, mas o homem a cutucou outra vez.

– Você não vê como faz sentido? A macaca tem o bebê. Meio primata, meio homem. Parece um macaco, mas aos poucos, com o tempo, o gene humano vai predominando. Viram? *Voilà!* Evolucionismo e criacionismo juntos.

Ele sorriu como se estivesse prestes a receber uma medalha.

– Vamos ver se entendi direito – disse Marianne. – Deus proíbe o incesto, mas não tem nada contra o bestialismo, é isso?

O Bigodudo a encara com condescendência e dá mais alguns tapinhas no braço dela como se dissesse: “Calminha, calminha.”

– O que estou tentando dizer é que esses caras da universidade, que ficam abanando o diploma dizendo que religião e ciência não são compatíveis, não têm um pingo de imaginação. Esse é o problema. Os cientistas só enxergam através de seus microscópios. E os caras da religião só veem o que está escrito na Bíblia. Nenhum deles enxerga a floresta, só as árvores.

– Ah, a floresta – disse Marianne. – Por acaso é a mesma da macaca atraente?

Então, de repente, o clima mudou. Ou talvez fosse apenas a imaginação de Marianne. O Bigodudo ficou mudo e a encarou por um bom tempo. Ela não gostou nada disso. Havia algo de diferente ali. Algo errado. Os olhos dele eram muito pretos e opacos, sem vida, como se jogados ali por obra de um acaso qualquer. Ele piscou e se aproximou dela.

Examinando-a.

– Puxa, princesa. Você estava chorando?

Marianne virou-se para a Piaçava, que também a examinava.

– Seus olhos estão vermelhos – prosseguiu ele. – Não quero me meter onde não fui chamado, mas... tudo bem com você?

– Tudo – disse Marianne. Teve a impressão de que estava enrolando a língua. – Eu só queria beber em paz.

– Claro – disse ele, erguendo as mãos. – Tudo bem. Eu não queria perturbar você.

Marianne fixou o olhar na bebida, esperando detectar algum movimento com a visão periférica. Não aconteceu nada. O Bigodudo ainda estava parado a seu lado.

Ela deu mais um grande gole na tequila. O bartender limpava uma caneca de cerveja com a destreza de quem já havia feito aquilo milhares de vezes. Marianne meio que esperava vê-lo cuspir na caneca, como faziam os garçons do Velho Oeste. O bar estava escuro. Do outro lado do balcão havia o clássico espelho de vidro fumê, para que as pessoas pudessem observar seus vizinhos sob uma luz menos cruel.

Marianne deu mais uma conferida no Bigodudo pelo espelho.

Ele estava olhando fixamente para ela. Marianne sentiu-se hipnotizada por aquele par de olhos opacos, incapaz de se mexer.

O olhar fixo lentamente se transformou num sorriso e Marianne sentiu um calafrio na nuca. Vendo o sujeito dar as costas e sair, suspirou aliviada.

Balançou a cabeça. Caim engravidando uma macaca... Com certeza.

Ela ergueu o copo com a mão trêmula. Aquela teoria absurda fora uma boa distração, mas os pensamentos sombrios não tardaram a voltar.

Marianne refletiu sobre o que havia feito. A ideia até que lhe parecera boa de início. Parecera mesmo? Será que ela tinha analisado todos os lados da questão? O ônus pessoal, as consequências para os outros, as vidas modificadas para sempre?

Provavelmente não.

O resultado foi mágoa. Injustiça. Fúria. E, sobretudo, aquele desejo primitivo e ardente de vingança. Não se tratava apenas daquela vingancinha bíblica (e por que não, evolucionista?) de “olho por olho, dente por dente”. Qual seria o melhor nome para o que ela fizera?

Retaliação em massa.

Marianne fechou os olhos e os esfregou. Sentiu o estômago roncar. Estresse, pensou. Reabrindo os olhos, teve a impressão de que o bar estava mais escuro do que antes. Sentiu a cabeça rodar.

Ainda era cedo demais para isso.

Quantas doses ela já havia tomado?

Marianne buscou apoio no balcão do mesmo modo que alguém se agarra ao colchão quando, deitando-se depois de uma noite de bebedeira, sente a cama rodar e teme ser arremessado janela afora pela força centrífuga.

Os roncoss no estômago ficaram mais intensos. Os olhos se arregalaram subitamente quando ela sentiu uma pontada aguda no abdome. Marianne escancarou a boca, mas o grito não saiu, sufocado pela dor. Ela se debruçou sobre o balcão.

– Você está bem?

Era a voz da Piaçava. Parecia muito distante. A dor era terrível. A pior que

ela havia sentido desde... bem, desde as dores do parto. Parir alguém: um pequeno teste de resistência por parte de Deus. *Ah, sabe essa criaturinha que você deverá amar mais que tudo pelo resto da vida? Quando ela sair, vai produzir uma dor que você nem imaginava que existia.*

Belo começo para uma relação, não é?

Que explicação teria o Bigodudo para isso?

Giletas rasgando suas entranhas como se estivessem lutando para sair, era o que ela sentia agora. Não tinha a menor capacidade de formular qualquer pensamento racional. Havia sido consumida pela dor. Até se esquecera do que tinha feito, do estrago que causara, não apenas no passado recente, mas a vida inteira. Seus pais haviam murchado e envelhecido com as atitudes inconsequentes da filha adolescente. Seu primeiro marido fora destruído pela constante infidelidade dela; o segundo, pela forma como era tratado. E também havia sua filha, as poucas pessoas com as quais ela conseguira conviver amigavelmente por mais de algumas semanas, os homens que ela havia usado antes de ser usada por eles...

Os homens. Talvez isso também tivesse alguma coisa a ver com vingança. Machucá-los antes de ser machucada.

Marianne estava certa de que iria vomitar.

– Banheiro... – foi só o que conseguiu dizer.

– Eu ajudo você.

Era a Piaçava de novo.

Marianne sentiu que ia despencar do banco. Mãos fortes a seguraram pelas axilas antes que ela caísse. Alguém – a Piaçava – a conduziu para os fundos. Ela seguiu trôpega até o banheiro. A garganta estava insuportavelmente seca. Era impossível erguer o tronco por causa das pontadas no estômago.

As mãos fortes ainda a mantinham de pé. Marianne olhava para baixo. Penumbra. Só o que conseguia ver eram seus próprios pés se arrastando, mal saindo do chão. Ela tentou levantar a cabeça, viu que o banheiro já estava perto e imaginou se teria forças para chegar até lá. Teve.

Mas seguiu em frente.

Guiada pela Piaçava, passou direto pela porta do banheiro. Tentou pisar no freio. Mas o cérebro não obedeceu ao comando. Tentou gritar, avisar à mulher que ela havia passado do banheiro, mas a boca também não articulava direito.

– Vamos sair por aqui – sussurrou a Piaçava. – Vai ser melhor.

Melhor?

Marianne sentiu o corpo sendo empurrado contra a barra de metal de uma saída de emergência. A porta cedeu. Saída dos fundos. A mulher tinha razão,

pensou Marianne. Não fazia sentido emporcalhar o banheiro. Melhor sujar o beco de trás. Além disso, um pouco de ar fresco poderia ajudar.

A porta se escancarou e bateu com estrépito contra a parede externa. Marianne tropeçou para fora. O ar fresco de fato a fez se sentir melhor. Não completamente. A dor ainda estava lá. Mas o friozinho no rosto era bom.

Foi então que ela percebeu a van.

Uma van branca de vidros pretos. As portas traseiras estavam abertas, como uma bocarra prestes a devorá-la. E parado ao lado delas, esperando para receber Marianne e empurrá-la para dentro, estava o sujeito com o farto bigodão.

Marianne tentou endireitar o corpo, mas não conseguiu.

Foi arremessada pelo Bigodudo como se fosse um saco de batatas. Aterrisou no chão da van com um baque. Ele subiu logo depois dela, fechou as portas e se aproximou. Marianne dobrava-se em posição fetal. O estômago ainda doía, mas o medo agora era maior.

O sujeito arrancou o falso bigode e abriu um sorriso. A van arrancou. A Piaçava devia estar dirigindo.

– Olá, Marianne – disse ele.

Ela não conseguia se mexer nem respirar. Ele se sentou ao lado dela, ergueu a mão fechada em punho e desferiu um soco em seu estômago.

A dor, antes lancinante, passava agora a uma nova dimensão.

– Cadê a fita? – perguntou o sujeito.

E começou a machucá-la de verdade.

2

— **V**OCÊS TÊM CERTEZA DE que querem ir adiante com isso?

Há ocasiões em que a gente salta do penhasco. Como naquele desenho animado do Papa-léguas: o Coiote sai em disparada e continua correndo mesmo depois de ultrapassar a borda do penhasco; de repente para no ar, olha para baixo e sabe que vai despencar, que não há nada que possa fazer a respeito.

Mas, às vezes, talvez na maioria delas, a situação não é tão clara assim. Estamos no escuro, caminhando lentamente à beira do abismo, sem saber ao certo para onde estamos indo. Os passos são hesitantes, por causa da escuridão da noite. Não nos damos conta de como estamos próximos da borda, de que o solo pode sumir a qualquer momento, de que um mero escorregão pode nos lançar encosta abaixo.

Foi então que Mike percebeu que ele e Tia estavam nesta borda: quando o tal do instalador, um rapaz desleixado, com cabelos desgrenhados, braços finos e cheios de tatuagem, unhas grandes e sujas, olhou para trás e, numa voz demasiadamente solene para a pouca idade, fez a maldita pergunta.

Vocês têm certeza de que querem ir adiante com isso?

Nenhum deles deveria estar naquele quarto. Claro, Mike e Tia Baye estavam em sua própria casa, uma mansão como tantas outras nos subúrbios de Livingston, mas aquele quarto havia se transformado em território terminantemente proibido para eles, os inimigos. Mike percebeu que ainda havia ali uma quantidade surpreendentemente grande de resquícios do passado. Os troféus de hóquei não tinham sido recolhidos, mas, se antes pareciam dominar o ambiente, agora davam a impressão de estarem acuados no fundo das prateleiras. Pôsteres de Jaromir Jagr e de Chris Drury, o mais recente ídolo dos Rangers de Nova York, ainda podiam ser vistos nas paredes, mas haviam sido desbotados pelo sol ou talvez pela mera falta de atenção.

Mike se deixou levar pelas lembranças. Recordou-se de como o filho, Adam, gostava de ler as historinhas de horror da série *Goosebumps*, bem como o livro de Mike Lupica sobre jovens atletas que conseguiram vencer terríveis obstáculos. Costumava ler o caderno de esportes com o mesmo afinco que um erudito estuda o Talmude, com especial interesse nas estatísticas do hóquei. Mandava cartas para seus jogadores prediletos, pedindo autógrafos, e, quando os recebia, pregava-os na parede. Quando ia ao Madison Square Garden, insistia para ir até a saída dos jogadores na rua 32, na altura da Oitava Avenida, para conseguir alguns *pucks** autografados.

Tudo isso já não fazia mais parte, senão daquele quarto, da vida de seu filho.

Adam havia crescido. Estava com 16 anos. Não era mais a criança de antes, mas um adolescente que caminhava a passos largos e difíceis rumo à vida adulta. O que era normal. Mas o quarto parecia resistir à passagem do tempo. Mike chegou a pensar que esse vínculo com o passado talvez trouxesse ao filho algum conforto. Talvez alguma parte de Adam desejasse voltar aos dias em que ele queria ser médico como o adorado pai, seu herói.

Talvez fosse otimismo demais.

O instalador – Mike não conseguia lembrar o nome dele, Brett, ou algo assim – repetiu a pergunta:

– Vocês têm certeza?

Tia estava de braços cruzados, o rosto circunspecto, aparentemente enre-

* Discos de borracha usados no hóquei. (N. do T.)

gelado. Aos olhos de Mike, parecia mais velha, porém não menos bonita. Ela respondeu sem nenhuma dúvida, apenas com uma pontinha de exasperação:

– Sim, temos certeza.

Mike não disse nada.

O quarto do filho deles estava relativamente escuro, iluminado apenas pela luminária da escrivaninha. Eles falavam a meia-voz, embora não houvesse a menor possibilidade de que alguém os visse ou escutasse. Jill, sua filha de 11 anos, estava na aula. Adam viajara numa excursão da escola e só voltaria no dia seguinte. Não quisera ir, claro – excursões para ele agora eram um “mico” –, mas por algum motivo a viagem era obrigatória, e até mesmo o mais “vaga-ba” de seus colegas “vagabas” estaria lá para engrossar o coro dos descontentes.

– Vocês sabem como isto funciona, não sabem?

Tia fez que sim com a cabeça, em total sincronia com o não de Mike.

– O programa vai fazer um registro de cada tecla que o filho de vocês apertar – explicou Brett. – No fim do dia, a informação será compilada e um relatório será enviado por e-mail. Vai estar tudo lá: todos os sites que ele visitou, os e-mails que mandou ou recebeu, os chats de que participou. Se Adam abrir o PowerPoint ou criar um documento do Word, vocês também vão ficar sabendo. Tudo. Se quiserem, podem até monitorá-lo em tempo real. É só clicar nessa opção aqui.

Ele apontou para um pequeno ícone com as palavras LIVE SPY! num vermelho gritante. Mike correu os olhos pelo quarto. Os troféus de hóquei pareciam zombar dele. Era estranho que Adam não os tivesse tirado dali. Mike havia jogado hóquei nos tempos da universidade, em Dartmouth. Fora convocado pelos Rangers de Nova York, jogara na liga júnior durante um ano e até mesmo participara de dois jogos da liga principal. Adam havia herdado essa paixão pelo esporte. Aprendera a patinar aos 3 anos de idade. Jogara como goleiro no time infantil. As traves enferrujadas ainda estavam lá embaixo, diante da garagem, a rede puída pelo tempo. Mike passara um sem-número de horas felizes arremessando *pucks* para o filho. Adam era um ótimo goleiro, seguramente teria uma vaga na equipe de uma universidade qualquer, mas desistira de tudo seis meses atrás.

Assim, do nada. Aposentara o taco, a máscara, as joelheiras e braçadeiras, dizendo que não queria mais nada com aquilo.

Será que foi aí que tudo começou?

Teria sido esse o primeiro sinal de seu declínio, de seu recolhimento? Mike tentou respeitar a decisão do filho e não fazer como tantos pais impositivos que aparentemente igualam sucesso nos esportes a sucesso na vida. Mas, na verdade, ficou profundamente abalado.

No entanto, não mais que Tia.

– Estamos perdendo nosso filho – declarou ela.

Mike não tinha tanta certeza assim. Adam havia sofrido uma grande tragédia – o suicídio de um amigo – e, claro, ainda se debatia com aquela angústia típica dos adolescentes. Era mal-humorado e caladão. Ficava o tempo todo trancado no quarto, quase sempre debruçado sobre o maldito computador, jogando, batendo papo ou fazendo sabe-se lá o quê. Mas não era isso que fazia a maioria dos adolescentes? Ele mal falava com os pais: raramente respondia às perguntas deles e, quando o fazia, recorria a monossílabos ou resmungos. Mas... o que havia de tão anormal nisso?

A monitoração tinha sido ideia de Tia. Ela era advogada criminalista no escritório da Burton & Crimstein em Manhattan. Um dos casos no qual trabalhara envolvia um esquema de lavagem de dinheiro comandado por um certo Pale Haley, que havia sido fisgado depois de ter seus e-mails monitorados pelo FBI.

Brett era o técnico de informática da empresa onde Tia trabalhava. Mike agora olhava para as unhas sujas dele, que estavam tocando o teclado de Adam. Era nisso que ele, Mike, não conseguia parar de pensar. Aquele sujeito com aquelas unhas nojentas estava no quarto de seu filho, fazendo o que bem entendia com seu bem mais precioso: aquele computador.

– Só mais um segundo – disse Brett.

Mike dera uma olhada no site da E-SpyRight. Tinha lido as primeiras chamadas, escritas em letras enormes e em negrito:

**SEUS FILHOS TÊM SIDO ABORDADOS POR PEDÓFILOS?
SEUS FUNCIONÁRIOS ESTÃO ROUBANDO VOCÊ?**

E depois, em letras ainda maiores, o argumento que fisgou Tia:

VOCÊ TEM O DIREITO DE SABER!

O site oferecia uma lista de testemunhos:

“O produto de vocês salvou minha filha do pior pesadelo que um pai poderia ter: um predador sexual. Obrigado, E-SpyRight!”

Bob – Denver, CO

“Descobri que um de nossos mais confiáveis funcionários estava desfalcando a empresa. Mas não teria descoberto nada sem a ajuda do programa de vocês.”

Kevin – Boston, MA

Mike havia resistido.

– É o nosso filho – argumentara Tia.

– Acha que não sei disso?

– Então? Não fica preocupado?

– Claro que fico. Mas...

– Mas o quê? Somos os pais dele. – Em seguida, como se estivesse relendo o site, emendou: – Temos o direito de saber.

– Temos o direito de invadir a privacidade dele?

– Para protegê-lo? Claro que temos. É o nosso filho.

Mike balançou a cabeça.

– Não só temos o direito – prosseguiu Tia, aproximando-se –, como também o dever.

– Seus pais sabiam de tudo o que você fazia?

– Não.

– Tudo o que você pensava? Todas as conversas que tinha com suas amigas?

– Não.

– Pois é disso que estamos falando.

– Pense nos pais de Spencer Hill – retrucou ela.

Isso fez Mike se calar. Eles se entreolharam.

– Se eles pudessem voltar no tempo – disse Tia, afinal –, se Betsy e Ron pudessem ter o filho deles de volta...

– Por favor, Tia.

– Não, escute. Se eles pudessem voltar no tempo, se o Spencer ainda estivesse vivo, você não acha que eles iam querer ficar de olho no filho, muito mais do que antes?

Spencer Hill, colega de Adam, havia se suicidado quatro meses antes. A experiência tinha sido devastadora não só para Adam como para todo o restante da turma.

– Você não acha que isso explica o comportamento de Adam?

– O suicídio de Spencer? – perguntou Tia.

– Claro.

– Até certo ponto, sim. Mas você sabe que ele já andava diferente. Isso apenas piorou as coisas.

– Então, se de repente nós déssemos mais um tempinho para ele...

– Não. – Tia foi categórica. – Essa tragédia torna o comportamento de Adam compreensível, mas não menos perigoso. Muito pelo contrário.

Mike refletiu um instante.

– Temos de contar a ele – disse afinal.

- Contar o quê?
- Que estamos monitorando o computador dele.
- Isso não faz o menor sentido – replicou Tia, com uma careta.
- Assim ele vai saber que está sendo vigiado.
- Não é como colocar um guarda de trânsito na cola de uma pessoa para que ela não ultrapasse o limite de velocidade.
- É exatamente isso.
- Ele vai continuar fazendo o que fazia antes na casa de um amigo, numa *lan-house* ou sei lá onde.
- E daí? Temos de contar. Toda a intimidade do nosso filho está nesse computador.
- Tia deu mais um passo à frente e pousou a mão no peito do marido. Mesmo agora, depois de tantos anos de casamento, o toque dela ainda lhe causava certo frisson.
- Adam está em apuros, Mike. Você não percebe isso? Nosso filho está em apuros. Talvez esteja bebendo, usando drogas, sei lá. Não dá para tapar o sol com a peneira.
- Não estou tapando o sol com a peneira.
- Você quer o caminho mais fácil – disse Tia, quase em tom de súplica. – O que você espera? Que tudo não passe de uma fase e que Adam logo saia dela?
- Não foi isso que eu disse. Mas pense um pouquinho. Essa tecnologia é muito nova. Todos os segredos, todas as emoções mais íntimas do nosso filho estão nesse computador. Você gostaria que seus pais soubessem de tudo sobre você?
- O mundo não é mais o mesmo – retrucou ela.
- Tem certeza?
- Qual é o problema? Somos os pais dele. Só queremos o bem do nosso filho. Mike balançou a cabeça novamente.
- Ninguém quer saber tudo o que se passa na cabeça de uma pessoa – disse.
- Certas coisas devem ser mantidas em privacidade.
- Tia afastou a mão.
- Em segredo, você quer dizer.
- É.
- Você está dizendo que uma pessoa tem o direito de guardar segredos?
- Claro que tem.
- Ela o fitou de um jeito estranho, do qual ele não gostou muito.
- Você também tem segredos? – perguntou ela.
- Não foi isso que eu disse.
- Esconde coisas de mim?

– Não. Mas também não quero que você fique sabendo de cada pensamento meu.

– Nem eu quero que você fique sabendo dos meus.

Os dois se calaram. Até que Tia, recuando alguns passos, disse:

– Mas se eu tiver que escolher entre proteger meu filho e respeitar a intimidade dele... Vou protegê-lo.

A discussão, que Mike não queria classificar como briga, durou um mês. Ele tentou seduzir o filho de volta. Convidava-o para ir ao shopping, ao fliperama, até mesmo a shows. E todos os convites eram recusados. Adam ficava na rua até altas horas, sem qualquer respeito pelas regras. Não aparecia mais para jantar. Suas notas começaram a despencar. A certa altura, concordou em se consultar com um terapeuta, que identificou sintomas de depressão. Disse que talvez fosse o caso de receitar algum medicamento, mas antes gostaria de ver Adam pelo menos mais uma vez. O garoto bateu o pé e disse que não ia.

Quando os pais insistiram, sumiu por dois dias. Nem sequer atendeu o celular. Mike e Tia entraram em pânico. No fim das contas, ele estava escondido na casa de um amigo.

– Estamos perdendo nosso filho – repetiu Tia.

O marido não disse nada.

– No fundo, Mike, não passamos de tutores dos nossos filhos. Cuidamos deles durante um tempo e depois eles se vão. Só quero uma coisa: que Adam permaneça vivo e saudável até o fim da nossa tutela. Depois é com ele.

Mike assentiu.

– Está bem, então – disse.

– Tem certeza?

– Não.

– Nem eu. Mas não consigo parar de pensar no Spencer.

Ele balançou a cabeça.

– Mike?

Mike olhou para a mulher e ela abriu aquele mesmo sorriso torto que ele vira pela primeira vez em Dartmouth, num dia frio de outono. O sorriso que, feito um saca-rolhas, perfurara seu coração para nunca mais sair de lá.

– Amo você – disse ela.

– Também amo você.

E foi assim que eles concordaram em espionar o filho mais velho.

CONHEÇA OS LIVROS DE HARLAN COBEN

Até o fim
A grande ilusão
Não fale com estranhos
Que falta você me faz
O inocente
Fique comigo
Desaparecido para sempre
Cilada
Confie em mim
Seis anos depois
Não conte a ninguém

COLEÇÃO MYRON BOLITAR

Quebra de confiança
Jogada mortal
Sem deixar rastros
O preço da vitória
Um passo em falso
Detalhe final
O medo mais profundo
A promessa
Quando ela se foi
Alta tensão
Volta para casa

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

